



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Política Social e Serviço Social

Sub-eixo: Crise, trabalho e tendências contemporâneas das políticas sociais no capitalismo

EPIDEMIA DE HIV NO BRASIL: TENDÊNCIAS ATUAIS SOB O CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

VIVIANE ALLINE GREGORIO AZEVEDO BRAZ¹

RESUMO

Este Artigo procura socializar uma pesquisa doutoral que analisou as principais tendências contemporâneas da epidemia de HIV/AIDS sob o capitalismo contemporâneo. *Discutindo suas atuais tendências e relacionando-as às contradições estruturais do modo de produção capitalista* no contexto político neoliberal.

Palavras-Chave: HIV/AIDS. Política de Saúde. Capitalismo Contemporâneo.

ABSTRACT

This article seeks to socialize doctoral research that analyzes the main contemporary trends in the HIV/AIDS epidemic under contemporary capitalism. Discussing its current trends and relating them to the structural contradictions of the capitalist mode of production in the neoliberal political context.

Keywords: HIV / SIDA. Health Policy. Contemporary Capitalism.

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da humanidade até aqui, especialmente a partir do surgimento do capitalismo, foi marcado pelas contradições que caracterizam o desenvolvimento das forças

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

produtivas sob relações sociais de produção nas quais a riqueza social, fruto do trabalho coletivo, é em grande parte apropriada pelas classes dominantes. No atual estágio do modo de produção capitalista tal desenvolvimento vem sendo acompanhado por um modo de vida devastador com elevado custo social e humano.

Do ponto de vista das condições de saúde, as transformações biológicas em torno da natureza, maior parte fruto da relação exploratória sem precedentes do homem sobre aquela, alcançaram, contraditoriamente níveis altos de progressos das ciências. Epidemias e surtos de doenças cada vez mais surpreendentes em seus efeitos e alcance farão parte da vida humana por muito tempo, marcando períodos históricos como o que vivemos na atualidade.

Historicamente, o combate às epidemias nos dá a oportunidade de compreender melhor como se estruturam os serviços de saúde pública no país e ajudam a pensar um futuro capaz de enfrentar novos desafios, como no caso do HIV, e mais recentemente a pandemia de COVID-19².

Não diferente, o surgimento da AIDS no final dos anos 1970 trouxe à tona uma onda de preconceitos e dúvidas a respeito desta doença. Naquele momento, os homossexuais masculinos foram o alvo principal do preconceito e da desinformação que faziam deles “responsáveis” por disseminar a doença pelo mundo. A pesquisa e conhecimento acumulados levaram a descobertas científicas que permitiram superar, ainda que parcialmente, alguns dos preconceitos e tabus que atingiram preferencialmente a população LGBT³ ao longo das décadas seguintes.

Um dos aspectos característicos da sociedade contemporânea, manifestado a partir da década de 1970, é o processo de reestruturação produtiva do capital resultante das mudanças estruturais em andamento na economia mundial. As mutações ocorridas no mundo do trabalho nas últimas quatro décadas trouxeram consigo o aprofundamento da exploração do trabalhador através dos processos de flexibilização e terceirização, dentre outras formas de precarização da força de trabalho. Junto a isso, agravou-se a precariedade das condições de vida e saúde da

² Cabe logo informar, que, apesar da emergência e gravidade da Pandemia de Covid-19, esse trabalho não se compromete em abordar a questão. Informamos que a pesquisa (bibliográfica e documental) e a estrutura textual principal dessa tese foram realizadas até dezembro de 2019, quando ainda não observávamos o considerável impacto do novo Coronavírus no Brasil e no mundo. Pela aproximação dos temas algumas breves anotações foram ponderadas nas Considerações Finais da Tese, em sua versão final.

³ Ao longo de todo esse trabalho utilizaremos a sigla LGBT (lésbicas, gay, bissexuais, travestis e transsexuais). A escolha não assume em qualquer medida uma perspectiva simplificada ou excludente das diversas formas de orientações sexuais e de identidades de gênero. A opção relaciona-se meramente à facilidade de exposição textual. Acreditamos na importância da afirmação das diferentes vivências relativas à orientação sexual e a identidade de gênero e de sua defesa no âmbito dos direitos humanos, com destaque para o termo LGBTQIA+, de pessoas que se identificam como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersex, Assexuais ou mais (que representa a pluralidade das orientações sexuais e identidades de gênero).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

população trabalhadora, resultantes de novos mecanismos de mercantilização da vida social no capitalismo contemporâneo que, entre outras consequências, mercantiliza tratamentos, como o próprio tratamento do HIV/Aids. Tal tendência se verifica, fundamentalmente, a partir do pós-Segunda Guerra quando se observa no capitalismo um fenômeno de supercapitalização.

Aqui apresentemos nesse artigo o processo de construção dessa pesquisa. Considerando seus aspectos teórico-metodológicos fundamentais e os necessários requisitos acadêmicos para a construção de uma pesquisa de Tese de Doutorado. Tornando esse estudo em particular, uma possibilidade de espelhamento na construção de pesquisas numa perspectiva teórico-metodológica crítica e que direciona seu processo investigativo da realidade com base no método marxiano.

Não se trata de uma opção epistemológica, mas de uma compreensão de que o real só pode ser apreendido quando se é capaz de realizar aproximações sucessivas à realidade estudada, procedimento que permite, ainda que não assegure, desvelar as contradições não apresentadas na aparência do fenômeno. Creio ter sido esse o caminho melhor para apreender as principais determinações presentes na dinâmica da epidemia de HIV/AIDS com base nos objetivos propostos aqui.

Desse modo, foi necessário assumir uma reflexão teórico-crítica acerca do modo de produção capitalista, buscando analisar principalmente, como se expressam suas formas mais contemporâneas, e tendo como referência a formação social brasileira e o desenvolvimento dos monopólios nos segmentos produtivos da saúde.

O pressuposto assumido foi o de que *não é possível* analisar a realidade de enfrentamento da epidemia de HIV/AIDS sem percebê-la diante da realidade político-econômica e histórico-cultural, considerando as particularidades de âmbito nacional. Assim, acreditamos que podemos *discutir as atuais tendências no campo da AIDS relacionando-as às contradições estruturais do modo de produção capitalista*, com destaque para uma análise dos monopólios sob a etapa imperialista. Ou seja, colocar em destaque a formação dos monopólios na saúde.

Importante dizer que, o estudo não ofereceu uma larga exposição conceitual sobre HIV/AIDS, uma vez que já há uma ampla divulgação de informações, sobretudo em páginas eletrônicas, portais e materiais educativos editados pelo Ministério da Saúde através do Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. Quando necessário, os conceitos e informações técnicas apareceram (preferencialmente nas notas de rodapé) para facilitar a exposição.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Cabe-nos informar que o resultado final desta pesquisa foi concluído e a tese defendida no primeiro semestre de 2020, já no âmbito das adaptações necessárias ao isolamento social em razão da epidemia de Covid-19 e teve avaliação muito satisfatória da banca de defesa final. Sua versão final já foi entregue e o título fruto da formação já consolidado no programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFRJ.

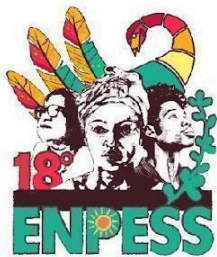
Voltando à temática em questão é importante lembrarmos que mesmo depois de 30 anos de descobertas e avanços científicos, a epidemia de HIV/AIDS ainda se propaga com intensidade. Sem desconsiderar a natureza mutante do vírus HIV que dificulta os avanços e a sua capacidade adaptativa, é importante pensar as novas configurações epidemiológicas que a doença assume hoje, levando em conta que o tratamento para HIV/AIDS se insere no contexto de reprodução do capital.

O fato é que ainda não há soluções práticas e aconselháveis para a grande maioria dos pacientes com AIDS, ou seja, ainda não há cura para a doença. A “cura funcional”, como melhor veremos, se dá pelo uso contínuo do medicamento antirretroviral (ARV) com eficiência em longo prazo, o que significa um amplo consumo de medicamentos específicos e complementares ao tratamento.

O elemento de contradição está na consolidada comprovação do impacto da terapia anti-retroviral no prolongamento da vida das pessoas com HIV/AIDS, garantida por pesados investimentos públicos que elevam bastante o custo do tratamento, o que torna premente a manutenção da gratuidade e universalidade do tratamento como política pública de saúde.

Por outro lado, as *taxas de infecção* voltaram a apresentar tendências de crescimento desde 2006, mesmo com redução da mortalidade por AIDS e da redução da transmissão vertical (de mãe para filho). Segundo o Relatório da UNAIDS (2019), até esse período, no mundo já havia 37,9 milhões de pessoas vivendo com HIV e ainda nota-se elevada mortalidade e permanência dos níveis de infecção. Mesmo com o aumento no número de testes para maior detecção do vírus na população, não alcançamos um controle maior da epidemia, pois isso não interferiu diretamente no início precoce do tratamento, só possível pelo acesso a serviços de saúde em nível primário.

Compreendemos que tais questões podem ser analisadas de modo mais profundo se as tomarmos a partir de uma perspectiva macrosocial baseada numa análise crítica das relações sociais nas quais estão inseridas. Assim, podemos apreendê-las como mais uma expressão da



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

“questão social” e de suas múltiplas determinações, caminho que acreditamos ser capaz de dar respostas aos desafios contemporâneos que envolvem o problema.

E pudemos identificar na pesquisa a insuficiência de estudos que relacionassem o fenômeno dessa epidemia às tendências político-econômicas através das quais se desenvolveu a trajetória da AIDS ao longo das últimas quatro décadas, considerando todas as reconfigurações do capitalismo contemporâneo – e suas repercussões nas múltiplas dimensões da vida social – comandados pelas forças imperialistas.

Isso porque, entender a história da epidemia de HIV/AIDS passa pela análise do contexto sócio-histórico das políticas públicas de enfrentamento das epidemias no Brasil, a partir de seus determinantes políticos e econômicos. Importante avançar para além da “história natural” da doença pensando que, nos termos de Galvão (2000, p.17) “[...] não há uma resposta médico-terapêutica para a AIDS dissociada do cenário social mais amplo”.

As respostas à AIDS, sejam elas governamentais ou não governamentais, sempre fizeram parte do cenário macro do país, com fortes incidências da formação social brasileira e das formas históricas de enfrentamento político de questões relacionadas à saúde pública, dentre as quais aquelas referentes às grandes epidemias. E esta constatação que torna relevante uma apreensão histórico-política das respostas institucionais direcionadas à epidemia de AIDS no Brasil.

E foram esses elementos que incitaram o desenvolvimento desse estudo, que desde sua origem teve por finalidade analisar as políticas sociais de enfrentamento da epidemia de HIV/AIDS no Brasil, considerando os seguintes eixos de análise: *os aspectos históricos*, que envolvem a problemática da AIDS (a história social da doença e suas particularidades no Brasil e as políticas públicas desenvolvidas na área) e *a análise crítica dos aspectos econômicos que contribuem para mercantilizar o tratamento*.⁴

2. PRESSUPOSTOS E RELEVÂNCIA DA PESQUISA

⁴ Como proposta inicial, pretendíamos, também, conhecer mais sobre as lutas sociais que envolvem os diversos sujeitos coletivos intervenientes no campo da AIDS (usuários, trabalhadores da saúde, Ong's etc.), mas já informamos que esse objetivo não teve alcance satisfatório no estudo, não pela importância e campo de exploração da temática, mas pelos limites impostos à pesquisa.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A oportunidade de uma pesquisa em nível de doutorado permite não apenas elucidar questões teóricas de um campo temático proposto, mas também maturar uma perspectiva que vem sendo construída ao longo de um processo formativo. Exatamente porque não há uma separação ou um corte entre o pesquisador e seu objeto, o que significa dizer que o primeiro está em sintonia com o referencial teórico assumido que se constitui como decisivo para o desvelamento do objeto de estudo, de suas determinações e contradições.

Esta pesquisa teve como objetivo central entender *como se expressam as principais tendências da epidemia de HIV/AIDS sob o capitalismo contemporâneo*. Para isso, procuramos analisar especificamente:

- As políticas de enfrentamento da AIDS no Brasil, considerando os aspectos históricos, que envolvem a problemática da AIDS (a história da doença e suas particularidades no país; as políticas públicas de saúde).
- As relações entre Estado e mercado, analisar a relação entre o crescimento da Indústria farmacêutica e a tendência medicamentosa no enfrentamento da epidemia de HIV no Brasil.
- Os aspectos econômicos que tendem a mercantilizar o tratamento, a partir das contradições da relação capital x trabalho.

Esse processo de investigação assumiu também o compromisso da pesquisa com as transformações necessárias na sociedade, tarefa histórica da classe trabalhadora, a partir de uma nova visão de mundo, de novas formas sociais, econômicas e organizacionais de mobilização, a fim de superar o paradigma mecanicista, biologizante e as práticas conservadoras que se realizam na política de saúde.

Consideramos, também, que a pesquisa apresentou importante relevância acadêmica no que diz respeito às discussões no campo da AIDS, tendo em vista contribuir para a produção científica que destaque os aspectos sociais da temática trabalhada. No entanto, pretende-se que o produto final resultante deste trabalho ultrapasse a esfera acadêmica e contribua, também, para a reavaliação das atuais práticas organizacionais desenvolvidas, atuando em mais uma possibilidade de proporcionar uma leitura crítica. E também que possa servir ao Serviço Social,

particularmente àqueles profissionais que atuam nessa área, de modo a fortalecer entre eles as diretrizes do projeto ético-político que queremos reforçar.

Inscrita no horizonte do fortalecimento da política pública de saúde, a pesquisa aqui apresentada se comprometeu, ainda, a contribuir para qualificação dos profissionais de saúde e a humanização do atendimento do Sistema Único de Saúde - SUS. Manteve uma estreita convergência da atuação profissional em Serviço Social com a formação acadêmica e a participação em atividades de pesquisa e de ensino (como a supervisão de estágio curricular na área da saúde). E encontrou elementos para a pesquisa no campo de atuação do Serviço Social no Serviço de Assistência Especializada em HIV/Aids - SAE, do Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis - HESFA, unidade que integra o Complexo Hospitalar da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

O SAE é um programa de saúde de assistência ambulatorial, em nível secundário, que atua na prestação de atendimento multidisciplinar à pessoa vivendo com HIV/AIDS, que busca associar a atenção à saúde, através do SUS, e formação acadêmica, como hospital-escola da UFRJ.

Desse modo, a pesquisa reafirmou o compromisso profissional com os interesses dos usuários e a responsabilidade com a qualidade dos serviços prestados, a exigir uma dedicação ao aprimoramento teórico, técnico, ético e político, através de processos de formação continuada.

3. O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Como tentamos expor aqui, a hipótese que guiou nosso estudo é a da forte *tendência à mercantilização do tratamento da AIDS no Brasil*, em razão, principalmente, do *predomínio da via medicamentosa* em detrimento de outras ações relacionadas à educação em saúde.

E o que nos levou a essa hipótese desde o início da pesquisa de tese foi o prolongado tempo de observação desse campo de estudo. Nesse caminho um dos primeiros aspectos destacados foi a lógica da automedicação (difundida pela larga produção de fármacos da Indústria farmacêutica) direcionada à uma individualização do tratamento, criando a ilusão de uma pseudoautonomia no enfrentamento do HIV. Com isso, tornavam-se mais frágeis as possibilidades de desenvolver conscientização/processos sócio educativos pensando a integralidade da atenção



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

à saúde. Ou seja, essa individualização do tratamento produzida pela automedicação tende a encobrir os determinantes sociais, econômicos e culturais da doença, bem como a fragilizar suas formas de enfrentamento coletivo.

Para melhor analisar essa hipótese assumimos a perspectiva teórico-metodológica crítica, com o intuito de dar direção à investigação no processo de apreensão do objeto estudado. Desse modo, buscamos com base no método marxiano de aproximações sucessivas desvelar as contradições presentes na contemporaneidade com a intenção de melhor apreender a dinâmica do objeto pesquisado.

Sabemos que, em Marx, a análise da sociedade feita pelo sujeito que pesquisa deve ser guiada pela dinâmica do objeto pesquisado, em uma relação cujo objetivo deve ser o de reproduzir idealmente, ou seja, no campo das ideias, o movimento do próprio real. Nessa perspectiva a teoria se coloca como uma expressão ideal da realidade. Quanto mais esta é reproduzida em sua totalidade pelo sujeito pensante, mais a teoria se aproxima, como reprodução ideal, da essencialidade do objeto estudado. Tal procedimento teórico-metodológico, de perspectiva materialista, histórica e dialética, deve sempre ter como ponto de partida a produção material, historicamente determinada e movida pela dialética das contradições.

E todo o processo de investigação e análise foi vestido dos avanços e contradições encontrados nesse campo de pesquisa. À exemplo do necessário debate acerca da luta pelo direito à saúde no capitalismo contemporâneo. Para isso nos propomos a analisar de forma objetiva a noção de direitos sob a perspectiva marxiana a partir da crítica da economia política, pensando-a no desenvolvimento histórico da política de saúde no Brasil.

Abordamos a saúde sob o capitalismo e sua lógica mercantil, considerando suas particularidades nacionais, os processos político-econômicos conjunturais e as lutas sociais que envolvem os diversos sujeitos coletivos intervenientes no campo saúde. Tudo isso com a pretensão de analisar criticamente os aspectos econômicos que contribuem para a mercantilização da saúde, avaliando as tendências atuais em curso e seus impactos na questão da epidemia do HIV e de suas formas de tratamento.

Pra isso, realizamos uma pesquisa exploratória que passou pela pesquisa documental; leitura e discussão de textos centrais à questão e legislações pertinentes; revisão crítica de outros documentos e publicações da área, a fim de fundamentar as questões levantadas. A pesquisa



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

bibliográfica continuada teve a finalidade de possibilitar uma maior aproximação com a temática, definindo os objetivos do trabalho e as particularidades que caracterizam o objeto de estudo.

A aproximação com o objeto exigiu conjugar pesquisa documental, histórica e analítica. Assim, procuramos contribuir para *identificar as principais determinações sociais, econômicas e políticas tanto do processo de adoecimento da AIDS/HIV* sugeridos por estudos epidemiológicos *como também os principais determinantes sociais, econômicos e políticos que tornam seu tratamento predominantemente medicamentoso*. Considerando seus possíveis limites e sem a pretensão de esgotar a questão, mas apenas levantar algumas reflexões importantes para serem discutidas e incitar novas produções teóricas que embasem outros olhares sobre ela.

A pesquisa documental se deu principalmente pelo levantamento sistemático da literatura, de informações oficiais – com grande destaque para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE e para os sistemas de informação do SUS, através do Ministério da Saúde - MS, além de bancos de dados relacionados às corporações empresarias do ramo farmacêutico como a Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa – INTERFARMA.

Quanto aos dados epidemiológicos mais atuais cabe informar que fizemos uso do Boletim 2018, referente à situação da epidemia até 2017, uma vez que a pesquisa e sistematização dos dados neste estudo foram realizados ainda em 2019⁵.

4. O PROCESSO DE EXPOSIÇÃO: OS CAPÍTULOS DA TESE

Uma vez explicados os aspectos teórico-metodológicos que nortearam nosso estudo, cabe-nos informar como se deu a exposição das ideias, organizadas na Tese Final em cinco capítulos, que apresentamos na síntese a seguir.

No **Capítulo 1** procuramos expor uma breve história da epidemia de HIV no Brasil e no mundo em que ressaltamos as formas de enfrentamento que se desenvolveram em nosso país a partir dos anos 1980. O que pudemos constatar de mais relevante nesse capítulo diz respeito aos

⁵ Para o ano de 2020, em que a Tese foi defendida, ainda não constava nova publicação e o que seguia como mais atual era o Boletim Epidemiológico de HIV/Aids 2019, publicado somente em 28/11/2019, quando já estávamos em processo de finalização da pesquisa.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

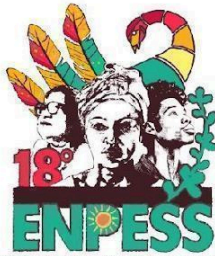
Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

avanços que a política de saúde no Brasil trouxe para os usuários que necessitavam de tratamento para a AIDS. Por uma coincidência histórica, a epidemia surge e se alastra no mesmo momento em que se lutava pela redemocratização brasileira e, no interior dessa luta, encontrava-se uma perspectiva de reforma sanitária cujo ponto culminante desaguou na construção do SUS. Ao mesmo tempo em que se deu esse desfecho, o neoliberalismo aportava no Brasil com força já nos anos 1990. As ameaças ao novato Sistema Único de Saúde já se punham desde então. Usamos no capítulo autores estudiosos da epidemia, como R. Parker, J. Galvão etc, assim como aqueles que discutem a construção histórica do SUS como, entre outros, M. I. Bravo.

O **Capítulo 2** discutiu elementos teórico-conceituais, sem os quais não poderíamos compreender os efeitos das políticas neoliberais na saúde e na questão do HIV/AIDS. Como nossa tese sustenta, principalmente, que há tendências de mercantilização do tratamento da doença que resultam da invasão da lógica mercantil nas políticas de saúde, especialmente a partir da atual fase do capitalismo monopolista. Tivemos que realizar um esforço de sistematizar categorias teóricas da crítica da economia política que pudessem nos municiar para enfrentar o objeto ao qual nos propomos. Além de Marx e de Engels, valemo-nos de variados comentaristas e divulgadores de suas obras. Para o capitalismo contemporâneo usamos consagrados marxistas dos nossos tempos, tais como Harvey e Mészáros.

E é justamente a mercantilização da saúde o que tratamos no **Capítulo 3**. O destaque aqui está no forte consumo de medicamentos, o que aponta para o que chamamos de *hegemonia da via medicamentosa*. Nesse capítulo vimos que a transformação de direitos em serviços, nefasta tendência contemporânea, coloca-se como uma das maiores ameaças à política de saúde no Brasil. Fizemos um mergulho nessa discussão a partir de autores referenciais no assunto até que pudéssemos reunir condições para pensar as consequências dessa tendência no âmbito da questão do HIV/AIDS. Aqui trabalhamos com uma gama muito variada de autores, entre tantos destacamos a recuperação teórica dos estudos de H. Cordeiro.

Já no **Capítulo 4** vimos que um dos principais pressupostos, que recolhemos fundamentalmente do marxista franco-belga Ernest Mandel, é o de que a mercantilização dos serviços é um dos principais fenômenos do capitalismo tardio. Entre tantas consequências ela possibilita aos monopólios uma inversão de investimentos que, além de atuar sobre os problemas da superacumulação, acaba por abrir espaços para novos nichos de industrialização. E é aqui que



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

localizamos a saúde como um campo fecundo no qual o capital atua para criar novos espaços de acumulação. Estudamos a formação histórica no Brasil de um Complexo Médico Industrial (CMI) significativo, analisando sua história recente e sua estrutura de funcionamento, passando pela produção de antirretrovirais. Vimos que o exponencial crescimento da indústria farmacêutica durante a atual fase do capitalismo monopolista se explica por essas tendências contemporâneas do modo de produção capitalista. Nosso objetivo principal aqui foi mostrar, através de pesquisa documental e de estudos científicos da área, a forte atuação dos monopólios da indústria farmacêutica no tratamento da AIDS. Descobrimos que a força desses oligopólios vem pautando fortemente as políticas de saúde voltadas à questão do HIV/AIDS.

Por fim, no **Capítulo 5**, buscamos reunir os elementos teóricos e factuais trabalhados nos capítulos anteriores para tentar sistematizar as principais tendências que vêm pautando o tratamento da AIDS no Brasil. Tais tendências são expostas e refletidas a fundo ao longo de toda a Tese. Consolidamos as análises sobre o que consideramos as atuais tendências no campo da AIDS e sua relação com as contradições estruturais do modo de produção capitalista no contexto político neoliberal, assim expressas como: *a proletarização do perfil epidemiológico, a hegemonia da via medicamentosa e a mercantilização do tratamento*. Nesse capítulo final buscamos tão somente fazer uma síntese desse debate e procuramos relacioná-lo ao documento Perfil Epidemiológico em que se notam preocupantes novas tendências da doença em nosso país que apontam para o que chamamos de *proletarização* da epidemia expressa nos seguintes pontos: forte incidência nos jovens da classe trabalhadora; feminização, especialmente entre mulheres pobres; interiorização da epidemia para lugares fora dos grandes centros urbanos.

Esses capítulos foram o caminho encontrado para construir a maior pretensão desse estudo que foi constituir-se numa pequena contribuição que fomente conhecimento crítico. Com essa pesquisa, entendemos contribuir na direção de trazer à tona as contradições que se fazem presentes na luta histórica por condições dignas de vida e saúde.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o desenvolvimento deste trabalho teve como finalidade construir e sistematizar um conjunto de análises que nos fizessem entender as principais tendências no âmbito da epidemia

de HIV/AIDS sob o capitalismo contemporâneo, com destaque para o amplo processo de medicalização do tratamento.

Neste sentido essa pesquisa procurou fornecer subsídios para a discussão na área da saúde, com o objetivo de contribuir para a luta geral dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e de vida. Ainda que com a pretensão de estudar a epidemia de HIV/AIDS no Brasil, apenas alcançamos algumas reflexões importantes para serem discutidas e incitar novas produções teóricas que embasem outros olhares sobre ela, considerando os limites aqui já expostos.

Todas as tendências aqui apresentadas na pesquisa também representam um quadro societário que coloca novas exigências ao Serviço Social e que colide tanto com as atribuições profissionais dos assistentes sociais, quanto com as diretrizes do projeto ético-político profissional.

A tendência à proletarização do perfil epidemiológico agrava as manifestações da “questão social” sobre o usuário/PVHA, demandando uma redobrada qualificação teórica, técnica e ético-política entre os profissionais que atuam na área, de forma a capacitá-los para o entendimento e enfrentamento dos desafios da área. Do mesmo modo, a perspectiva de orientações/ações socioeducativas tradicionalmente desenvolvidas pelo Serviço Social como uma de suas atribuições tende a encontrar dificuldades diante do predomínio da lógica curativa/medicamentosa, focalizada e centrada no indivíduo. E ainda a tendência à mercantilização do tratamento do HIV/AIDS, e das políticas de saúde em geral, obstaculizam uma atuação profissional que, a partir de um ponto de vista da totalidade, procura aprender as múltiplas determinações da doença relacionando-as à “questão social”.

Há ainda duas considerações fundamentais que levantamos em torno desse estudo, o primeiro é de que muito avançamos sobre as condições originárias do enfrentamento da epidemia no Brasil com esforços coletivos de uma legião e de pessoas e instituições comprometidas com o seu enfrentamento e num determinado momento alcançamos um patamar de vanguarda frente a outras ações mundiais, como no acesso universal ao medicamento.

Segundo é que, perceber o sofrimento que essa realidade causou, e causa, expressa o tamanho do desafio e a necessidade de rigor e prioridade no seu enfrentamento. Muitas discussões ainda precisam ser feitas e exigem redirecionar todo o programa de prevenção e combate centrado em ações de educação em saúde, capazes de reduzir o estigma e discriminação relacionados à liberdade de gênero e orientação sexual. E, sobretudo, assumir a prevenção das ISTs, em especial do HIV/AIDS, nas escolas. Além da necessidade da retomada



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

dos valores democráticos que historicamente orientaram a Saúde pública brasileira após o processo de redemocratização a partir dos anos 1980.

Cabe-nos destacar, ainda, as principais contradições que estão presentes na conquista da universalização do acesso ao medicamento. Essa indica o quanto a hegemonia de um tratamento medicamentoso e mercantil privilegia os interesses monopolistas da indústria farmacêutica em detrimento dos interesses dos usuários. E ainda, *o quanto a medicalização reduziu a letalidade, mas não a expansão da doença que hoje se interioriza, se proletariza e se feminiza*. Ou seja, estão criadas as condições estruturais para a sua permanência e reatualização.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico HIV/Aids**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Prevenção Combinada do HIV - Bases Conceituais para Profissionais, Trabalhadores(As) e Gestores(as) de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRAVO, Maria Inês Souza. Política de Saúde do Brasil. In: MOTA, Ana Elizabete [et al] (Org.) **Serviço Social e Saúde: formação e trabalho profissional**. São Paulo: Cortez, 2007.

BRAVO, Maria Inês Souza et al. (Org.). **A mercantilização da saúde em debate: as Organizações Sociais no Rio de Janeiro**. 1 ed. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2015.

BRAVO, Maria Inês Souza; MATOS, Maurílio Castro de. A saúde no Brasil: reforma sanitária e ofensiva neoliberal. In: BRAVO, Maria Inês Souza e PEREIRA, Potyara A. P. (Organizadoras) **Política Social e Democracia**. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

CORDEIRO. Hésio. **As empresas médicas: as transformações capitalistas da prática médica**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **A indústria da saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

GALVÃO, Jane. **AIDS no Brasil: a agenda de construção de uma epidemia**. Rio de Janeiro/São Paulo: ABIA/Editora 34, 2000.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 19. Ed. São Paulo: Loyola, 2010.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

INTERFARMA – ASSOCIAÇÃO DA INDÚSTRIA FARMACEUTICA DE PESQUISA. Guia 2019.
São Paulo: Interfarma, 2019.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril cultural, 1982.

MARX, K. e ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista 1848. L&PM Pocket, Porto Alegre, 2009

_____. **A Ideologia Alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes
Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Tradução
Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo : Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. **O capital**: crítica da economia política: livro I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 26.ed.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PARKER, Richard. **O fim da AIDS?** Rio de Janeiro: ABIA, 2015.

_____. **Construindo os alicerces para a resposta ao HIV/AIDS no Brasil**: o desenvolvimento
de políticas sobre HIV/AIDS. Saúde para Debate, 2003.

_____. (Org.). **Políticas, instituições e AIDS**: enfrentando a epidemia no Brasil. Rio de Janeiro:
ABIA/Jorge Zahar, 1997.

United Nations. **United Nations Session Declaration of Commitment on HIV/AIDS**. New York:
UM. 2001.